

Vini dilui pressão em Neymar

MARCOS PAULO LIMA
ENVIADO ESPECIAL

Miami — Copa de 2014. Neymar sofre lesão na costela, deixa o Mundial nas quartas de final e o Brasil desanda ao sofrer a maior humilhação canarina: 7 x 1 contra a Alemanha e 3 x 0 na decisão do terceiro lugar com a Holanda. Quatro anos depois, Neymar desembarca na Rússia com uma lesão no tornozelo e deixa o elenco inseguro. Mais cai em campo do que fica em pé. Em 2022, uma nova contusão na estreia contra a Sérvia tira o craque da primeira fase e Tite fica à espera de um milagre. Aconteceu contra a Coreia do Sul e a Croácia, mas o sonho do hexa ficou pelo caminho na decisão por pênaltis.

A performance de Vinicius Junior em 2026 muda o peso da balança. Dos sete gols do Brasil, quatro foram dele. Questionado pela falta de protagonismo vestindo a Amarelinha e insistentes comparações com a performance no Real Madrid, o camisa 7 é o arco e a flecha sob a varinha de condão de Carlo Ancelotti. Parecem feitos um para o outro.

“Passei por momentos na Seleção em que eu não conseguia mostrar meu futebol. E nada melhor do que, num cenário como este, marcar gols e fazer grandes jogos”, disse, depois do jogo contra a Escócia. “Eu tinha o trabalho, a evolução e a fé de que eu melhoraria. Por todo o todo o talento que eu tenho e pelo trabalho que fiz no Real Madrid, eu tinha certeza de que no momento certo eu voltaria a brilhar com a camisa do Brasil. E nada melhor do que voltar na Copa, no lugar que eu sempre sonhei estar. O mister (treinador) mudou a minha posição e estou fazendo mais gols.”

Até de cabeça, como frisou o

Alexandre Martins/AFP



Vini Jr. e Neymar, contra a Escócia, no reencontro do craque do Santos com a camisa 10 da Seleção: dupla alimenta esperança da torcida no hexa

italiano. “Ele está indo muito bem, também fez gol de cabeça, que é muito raro para ele. Não sou eu que vou descobrir o Vini, para mim, Vini é um top. É um dos melhores do mundo obviamente”, afirmou Carlo Ancelotti, agindo como um diretor de cinema entregando a Neymar o papel de coadjuvante. “Acho que, nessa Copa,

ele pode ajudar o time. Não precisa de motivação. Ele tem 34 anos e a paixão de um menino”.

Nas versões anteriores, o Brasil chegava aos mata-matas “neymar-dependente”. Nesta, pode tratá-lo como um complemento a Vini. Em vez de atrair a atenção para si nos 14 minutos em campo na vitória por 3 x 0

contra a Escócia, o maior artilheiro da história da Seleção procurou o camisa 7. Deu assistência e o parça quase marcou o terceiro no segundo tempo.

O comportamento de Neymar na volta à Seleção depois de 981 dias lembra a atitude de Messi quando o brasileiro chegou ao Barcelona, em 2013. O argentino

jogava pelo sucesso pessoal, claro, mas estabelecia conexão com Neymar e poderia ter feito do amigo o melhor do mundo. Em 2015, Neymar só ficou atrás justamente de Messi e de Cristiano Ronaldo. O trio dividiu a artilharia da Champions League e Neymar ficou em terceiro lugar nos prêmios.

Desequilibra

Enquanto Neymar chega para ajudar, Vini vê os números especializados do aplicativo Sofascore traduzirem o protagonismo. Ostenta a mesma quantidade de gols de Mbappé (4). Ambos estão a um de Messi. O francês e o argentino entram em campo, hoje, e podem desgarrar. O carioca de São Gonçalo lidera no índice xG (gols esperados). Está à frente de Haaland (Noruega), Jonathan David (Canadá) e, até, de Lionel Messi (Argentina) e Cristiano Ronaldo (Portugal) nesse quesito.

No Fifa The Best lidera no quesito participações em gols, com cinco. Lionel Messi (Argentina) e Deniz Undav (Alemanha) o acompanham. Objetivo, é o 29º driblador da Copa. Em vez de abusar das fintas improdutivas, tem evitado decisões erradas e escolhido ser letal. Em uma confidência a Luiz Felipe Scolari na Granja Comary antes da Copa, estabeleceu a meta de seis gols na competição e encerrou a fase de grupos com quatro. Seriam cinco, mas o árbitro mexicano Cesar Ramos anulou um, equivocadamente, na vitória contra a Croácia.

Malvado favorito do Brasil, o menino de São Gonçalo (RJ) soma cinco gols em Mundiais — quatro nesta edição e um nas oitavas de final contra a Coreia do Sul, em 2022. Neymar tem oito. Em vez do eu, prefere a terceira pessoa. “Nós estamos muito felizes porque volta o nosso ídolo, um cara que sempre batalhou e fez de tudo para estar aqui conosco. Voltou depois de um tempo de lesão e espero que ele possa seguir evoluindo e nos ajudar no decorrer da competição, que é o mais importante”.

Tabu geográfico: Seleção nunca perdeu na América do Norte

PEDRO BUENO
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — A classificação na fase de grupos da Copa do Mundo de 2026 com duas vitórias e um empate deixou o Brasil invicto e manteve um “tabu geográfico”: a Seleção nunca perdeu um jogo de Mundial na América do Norte. Por isso, caso essa escrita siga, o time verde-amarelo será hexacampeão neste ano ou deixará a competição de forma dramática. Entenda a situação.

Esta é a quarta Copa do Mundo disputada no continente norte-americano. A primeira foi em 1970, no México, mesmo palco de 1986.

4 Copas

foram disputadas na América do Norte: 1970, 1986, 1994 e 2026. O Brasil soma 21 jogos, com 17 vitórias e 4 derrotas

Já em 1994, os Estados Unidos receberam o torneio. A coincidência dessas edições é que o Brasil nunca foi derrotado no tempo normal. E a edição de 2026 está dando sequência ao mantra.

O Brasil estreou diante de Marrocos, em 13 de junho, e empatou por a 1 a 1. Depois disso, venceu Haiti e Escócia por 3 a 0, em partidas

disputadas em 19 e 24 de junho. A consequência desses resultados positivos foi a classificação na liderança do Grupo C da Copa e a certeza de que está na briga pelo título.

Essas duas vitórias e o empate entraram na conta da invencibilidade em solo norte-americano. Ao todo, a Seleção Brasileira já disputou 21 partidas no continente e somou 17 triunfos e somente quatro empates.

Só que fora os títulos memoráveis de 1970 e 1994, a lembrança de 1986 ainda deixa arrepios no torcedor canarinho. Na ocasião, mesmo após quatro vitórias, o Brasil foi eliminado. Sim, de forma invicta, já que empatou por 1 a 1 no tempo

normal — com direito até a penalti perdido pelo craque Zico — e foi derrotado na marca da cal após falhas de Sócrates e Júlio César.

Portanto, a manutenção do tabu pode ser um bom indício para a Seleção Brasileira, mas não garante. Mesmo invicta, a equipe pode deixar a Copa do Mundo de 2026, seguindo longe do almejado hexacampeonato.

A próxima partida marca o início da “corrida eliminatória” pela taça do Mundial. Na próxima segunda-feira, às 14h (de Brasília), o Brasil entrará em campo pelo duelo dos 16 avos de final tentando manter o tabu geográfico e se afastar dos riscos da loteria que é a disputa por penalti.



Seleção comemora o tetra nos EUA, em 1994: são 21 partidas sem perder

GRANDES PELADAS DA COPA



POR: VINICIUS DORIA



ARGÉLIA



2 X 1



JORDÂNIA

La medalla de Plata

Nível da maior Copa do Mundo da história melhorou nesta reta final da fase de classificação. Até as peladas estão mais divertidas

A Copa, definitivamente, começou na segunda rodada. Os craques resolveram aparecer na festa, e o nível dos jogos melhorou substancialmente. Os azarões azararam menos, os medalhões apresentaram, finalmente, suas credenciais. Voando em campo, porém, só Argentina e França — leia-se Messi e Mbappé. Vimos ainda boas disputas intermediárias, valendo um possível terceiro lugar na chave. Afinal, convenhamos, ser eliminado em um torneio de 48 seleções que descarta só 16 nesta fase é o cúmulo da humilhação se seu país não for Curaçao ou Cabo Verde, para quem qualquer prazer diverte. Até Austrália e Nova Zelândia devem passar, esse mundo, definitivamente, não é mais o mesmo!

Na coluna de estreia, lembramos que grandes peladas não precisam ser, necessariamente, jogos ruins. Algumas são boas de se ver. Na segunda ronda da fase de grupos, dois destaques. Começemos, pois, pelo que houve de pior — e não foi Canadá x Catar, que teve até jogador com fratura exposta. Inglaterra e Gana fizeram uma partida lamentável, com o pior nível técnico da rodada, estragando a boa impressão da estreia de ambas. Enquanto os medalhões disparavam a fazer gols pelos campos da América do Norte, o artilheiro bretão Harry Kane quase não tocou na bola. Se você procurar no YouTube o vídeo dos melhores momentos da partida, corre o risco de assistir a uma seleção de imagens de duração menor

do que os comerciais de bets que a antecedem. Kane finalizou (mal) duas vezes: um peteleco de fora da área e um chute na arquibancada no rebote de uma bola que explodiu na trave. E só.

A melhor pelada da fase de classificação, até agora — e uma das mais emocionantes de toda a Copa —, foi Jordânia e Argélia, pelo Grupo J (o mesmo de Portugal do CR7). Uma daquelas partidas que, quando sai a tabela de jogos, você logo risca da programação. Início à meia-noite de segunda-feira, pelada entre dois representantes da xepa futebolística, não dá...

Mesmo com a curiosa presença de Luca, filho do ídolo francês Zidane, no gol argelino, fanatismo tem limite. Mas... quem vestiu o pijama

de guerreiro da madrugada e encanou como um zumbi o desafio viu, na prática, o primeiro mata-mata da competição. Com um pontinho apenas, as duas seleções não poderiam sequer empatar, seria o abraço dos afogados. Só a vitória manteria uma delas na luta para passar às décimas-sextas de final.

Na tolerante São Francisco, jordanianos e argelinos cumpriram o que prometeram e entregaram ao público uma das peladas mais divertidas da competição. De fazer inveja ao desafio anual entre casados e solteiros da firma. Foi um festival de chutões para frente, bolas mal recuadas, caneladas, tropeços e — incrível — gols. A Jordânia até saiu na frente, ainda na primeira etapa, e segurou o placar até metade do

segundo tempo. Na base do abafa, despejando bolas e mais bolas na área da equipe do Oriente Médio, os africanos chegaram à virada. O gol da sobrevivência argelina foi à altura da pelada: em uma das 387 cobranças de escanteio, a bola quicou entre nove súditos do rei Abdulla II e sobrou para o centroavante Amine Gouiri estufar a rede. Peladão bom de ver.

Como quase todo mundo se classifica para o primeiro mata-mata, as peladas ainda estão garantidas por mais alguns dias, muito time ruim ainda vai seguir na competição na próxima fase.

Para fechar, dois registros: o primeiro, pelo alívio de não precisar falar do Brasil, cujo cartão de visitas foi uma desavergonhada pelada

contra Marrocos, seguida de uma ligeira melhora contra o Haiti. Vini Jr. está dando conta do recado de carregar o time nas costas, com Neymar e tudo. Na despedida do Grupo C, os scotches facilitaram com futebol de várzea. São velhos fregueses do Brazil's Pub. Que venha o Japão.

O segundo registro é uma menção honrosa a um conhecido jogador que encarna o mais puro espírito dos rachões de rua. Pelo que fez em campo, ontem, e pelo gol que sacramentou a inacreditável virada do Equador sobre a gigante Alemanha se antecipando ao quase aposentado goleiro Neuer, o atacante Gonzalo Plata — esse mesmo, velho conhecido da torcida do Flamengo — é o cara, o peladeiro da rodada.